



Produção do internauta no VC no G1 Amapá: critérios de noticiabilidade no jornalismo colaborativo¹

Abinoan Santiago dos SANTOS²

Dyepeson Martins da SILVA³

John Clay Pacheco BARRIGA⁴

Elaide MARTINS⁵

Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP

Resumo

Este artigo dedica-se a estudar como o jornalismo colaborativo contribui na produção jornalística do site G1 Amapá a fim de saber quais os critérios utilizados para uma participação ser aproveitada pelo veículo. Para subsidiar a análise, utilizou-se do canal colaborativo proporcionado pela editoria VC no G1. Nela, o internauta pode enviar materiais de mídia ao portal de notícias. Foram verificadas as participações de internautas no período de 1º de novembro a 31 de dezembro de 2013, quando quase 70% das colaborações foram rejeitadas pelo site, que utiliza de critérios valores-notícias e gatekeeper para filtrar as sugestões enviadas por internautas.

Palavras-chave: Jornalismo colaborativo; internet; Vc no G1; Amapá.

Introdução

O avanço tecnológico provocou diversas mudanças no jornalismo. A explosão tecnológica surgida a partir do fim do século XX provocou à época o surgimento de novos movimentos, a exemplo do jornalismo colaborativo.

O advento das novas tecnologias digitais provocou a proliferação de informações, como acentua Silva (2013), quando fala sobre jornalismo móvel, método criado a partir da evolução das tecnologias que influenciam a produção jornalística com uso de aparelhos, a exemplo de celulares, tablets, filmadoras e câmeras fotográficas, produtos cada vez mais acessíveis às classes consumidoras do jornalismo digital.

¹ Trabalho apresentado no IJ 5 – Rádio, TV e Internet do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, email: abinoan.santiago@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, email: dyepeson-martins@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, email: contatodtjohn@gmail.com

⁵ Orientadora. Professora doutora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. Email: elaide@unifap.br



Tendo em vista que cidadãos comuns passaram a registrar situações que não estão sob o controle e o filtro das organizações jornalísticas. Essa apropriação das tecnologias móveis digitais é outra vertente do jornalismo móvel para efetivar uma produção em mobilidade também por parte do público através das redes, ampliando o fluxo informacional. (SILVA, 2013, p. 143).

O novo método provoca a produção de um ‘arsenal’ de informações contidas na rede mundial de computadores. Assim, este artigo objetiva analisar o fenômeno do jornalismo colaborativo na produção de conteúdos jornalísticos no site G1 Amapá, tendo como base princípios dos valores-notícias adotados pelos noruegueses Galtun e Ruge (*apud* PONTE, 2005), os quais são usados como filtro para que a participação de um internauta possa ser aproveitada ou não pelo veículo.

A escolha do VC no G1 enquanto objeto empírico foi determinante para a execução deste trabalho pelo fato de ainda ser limitada a quantidade de portais no Amapá que oferecem um espaço reservado à colaboração do cidadão. Em contrapartida, o G1 Amapá, site incorporado ao Globo.com, das Organizações Globo de Comunicação, incrementou a editoria VC no G1, alimentada exclusivamente por conteúdo colaborativo.

Nosso objeto de estudo também é respaldado pelo fato de a ferramenta VC no G1 atender às exigências dos princípios do webjornalismo, como interatividade, multimídia, hipertextualidade, personalização, dinamicidade e lucratividade, critérios apontados por Rocha (2000) e Palacios (2002) caracterizar o jornalismo na internet. Por sua vez, Mielniczuk (2003) acrescenta, ainda, a atualização contínua do conteúdo como outra característica do webjornalismo.

Metodologia

Nesta pesquisa, foram analisadas qualitativamente as colaborações enviadas por internautas ao VC no G1 Amapá no período entre 1º de novembro e 31 de dezembro de 2013. No entanto, antes de discorrer sobre as observações e análise de nosso objeto empírico, consideramos importante fazer uma breve abordagem sobre a estrutura e o funcionamento do G1 e G1 Amapá. E para referenciar teoricamente os conceitos de jornalismo colaborativo e os critérios adotados nas avaliações das colaborações enviadas ao portal, amparamo-nos nos estudos de Madureira (2010), Moura (*apud* BRAMBILLA, 2006), Primo e Träsel (2006), e Galtun e Ruge (*apud* PONTE, 2005).



Além dos critérios de noticiabilidade, o estudo procurou identificar se o internauta também obedece a outros atributos fundamentais do jornalismo: o da apuração, cruzamento de informações e checagem dos fatos.

Cabe, ainda, destacar que o uso de entrevistas concedidas aos autores deste trabalho, realizadas com coordenadora do G1 Amapá, Lorena Kubota, e usuários da do canal VC no G1.

Jornalismo Colaborativo

A explosão tecnologias nas últimas décadas do século XX, principalmente o advento dos microcomputadores e da internet, deu início à cultura digital. A partir de então, ocorre a mudança na relação receptiva (cujo fluxo, antes, era em sentido único a partir do emissor da mensagem) para o mundo interativo e bidirecional possibilitado pela informática. Essa transformação possibilitou ao homem participar na produção do que consome jornalisticamente, a partir de variadas formas.

A colaboração do internauta surge a partir da expansão da internet. O conceito de jornalismo colaborativo originou-se nos Estados Unidos e na Ásia, no fim da década de 1990 e continuou a se expandir nos anos posteriores (MADUREIRA, 2010). O site-sul-coreano OhMyNews, fundado em 22 de fevereiro de 2000, era, então, o ícone do novo método jornalístico, segundo Bowman e Willis (2003).

Para este trabalho, usamos o conceito de jornalismo colaborativo partindo da premissa de que qualquer cidadão pode contribuir na elaboração de uma notícia. É o usuário verdadeiramente no poder (MADUREIRA, 2010). Para Moura (*apud* BRAMBILLA, 2006), a composição e a troca de notícias através de redes de cooperação inauguraram um novo modelo de jornalismo, que trouxe importantes implicações, como:

[...] permitir que várias pessoas (não apenas os jornalistas) escrevam e, sem a castração da imparcialidade, deem a sua opinião, impedindo assim a proliferação de um pensamento único, como o pode ser aquele difundido pela maioria dos jornais, cuja objetividade e imparcialidade são muitas vezes máscaras de qualquer ponto de vista que serve interesses mais particulares que apenas o de informar com honestidade e isenção do público que os lê. (MOURA *apud* BRAMBILLA, 2006, p. 69).

O leitor vê, atualmente, na própria internet uma forma de participação ainda maior na produção jornalística, tanto em médios, quanto em grandes conglomerados de mídia, formando o webjornalismo participativo, segundo Primo e Träsel (2006). Esse modelo, cada vez mais, absorve a colaboração, principalmente no webjornalismo, onde limitações de



competência ou graduações se igualam no divulgador, pelo fato comum do imediatismo da informação na rede mundial de computadores.

Para Primo e Träsel (2006), a democratização do jornalismo na internet caracteriza o webjornalismo participativo, tendo em vista que o canal do leitor-emissor é o mesmo usado pelo meio de comunicação - e essa abertura para a interatividade se caracteriza como uma clara forma de cooptação desses produtores de mídia participativos.

Utilizando-se dessa forma de repercussão da notícia na web, os grandes veículos adotaram ferramentas para receber informações encaminhadas por cidadãos através de canais de interação. Essas ferramentas sugerem e incentivam a participação do internauta por meio do envio de vídeo, imagem ou texto, caracterizando o webjornalismo colaborativo – conceito que identificamos na ferramenta “VC no G1”, do portal de notícias G1 Amapá.

O site G1

O G1 foi ao ar em setembro de 2006. o G1, é um veículo de notícias exclusivamente on-line, sem versão em papel. Este artigo dá conta apenas o site G1.

A relação do G1 com o jornalismo da TV Globo e da Globo News é estreita. O G1 aproveita o conteúdo gerado pelas emissoras, complementando matérias produzidas pelas equipes de TV. As redações compartilham, ainda, o acesso a um mesmo servidor que reúne informações como matérias, agenda de contatos, espelhos e pautas de jornais da emissora.

A equipe trabalha na elaboração de matérias jornalísticas para 18 editorias: Brasil, Carros, Ciência e Saúde, Concursos e Emprego, Economia e Negócios, Educação, Esporte, Loterias, Mundo, Música, Natureza, Planeta Bizarro, Política, Pop & Arte, Tecnologia e Games, Vestibular e Educação, Turismo e Viagem. Além dessas, a editoria VC no G1 recebe conteúdo enviado por usuários. A redação do G1 fica em São Paulo, mas o site mantém sucursais no Rio de Janeiro e em Brasília.

VC no G1

Com base no referencial teórico adotado neste trabalho, identificamos a aplicabilidade do conceito de jornalismo colaborativo à ferramenta VC no G1, por Primo e Träsel (2006). No entanto, outros elementos no portal também podem ser considerados ferramentas de interatividade, a exemplo do mecanismo de busca por matérias, o canal Fale Conosco, os chats com personalidades, os comentários postados pelos internautas ao final das matérias, hiperlinks em corpo de texto e também aqueles destacados como “Saiba Mais”.



No entanto, neste artigo vamos voltar às atenções à editoria VC no G1, lançada em 24 de março de 2007 após a eclosão do jornalismo colaborativo, que teve como ponto de partida o site sul-coreano Ohmynews, fundado em 2000, como citado anteriormente por Bowman e Willis (2003).

A nova ferramenta nasceu como uma forma de estimular a interação e participação direta e indireta do internauta no que tange ao processo de construção de reportagens no portal G1. Todo e qualquer internauta cadastrado no domínio globo.com pode enviar conteúdo gratuitamente para o site. A editoria oferece aos internautas as opções para contribuir por meio de fotos, vídeos e áudios relacionados a fatos verídicos.

Além disso, enumera os critérios para selecionar uma notícia a ser editada e publicada pelo site. Textos com palavrões, acusações a terceiros, opiniões de caráter comercial não são publicados.

Antes do VC no G1, o internauta que navegava pelo G1 tinha um espaço cativo de receptor da notícia, podendo interagir por meio de comentários em reportagens já veiculadas. Contudo, com a nova ferramenta colaborativa, adquiriu-se um caráter de serviço social e cultural na participação da massa, segundo observa Madureira (2010):

O jornalismo colaborativo também se enquadra no contexto dos estudos culturais, especialmente se aceitarmos como válida a visão de que ações participativas, independente de sua plataforma, caracterizam-se como uma prática cultural originária do público – entendido como receptor e como produtor de cultura. Visto como manifestação típica de mídia social, o estudo também pode ser posicionado sob a óptica dos Internet Studies, já que o jornalismo colaborativo só se desdobra em seu potencial no contexto digital, tudo aqui como mais que simples rede de computadores, mas como rede de pessoas. (MADUREIRA, 2010, p. 18.)

Assim, os critérios usados para avaliar as sugestões de matérias podem ser qualificados como critérios de noticiabilidade, em que o veículo, com base em sua postura editorial, decide sobre o que pode ou não ser publicado ou utilizado como fonte para notícias, conforme ressalta Traquina (2008). Este pesquisador afirma ser critério de noticiabilidade “o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo valor-notícia” (TRAQUINA, 2008, p.63).

Antes do VC no G1, sites renomados como os do The Guardian, BBC, New York Times, Washington Post, Overmundo no Brasil e o espanhol 20 Minutos, já desenvolviam o jornalismo colaborativo e, por sua vez, começavam a construir a figura do cidadão repórter,



que oferece a alguém sem formação jornalística a oportunidade de ser um correspondente direto de um veículo de comunicação online.

Com o advento da tecnologia móvel e inúmeros aplicativos que permitem que um único aparelho exerça funções de uma câmera fotográfica, uma filmadora ou um gravador conectado a rede mundial de computadores, o VC no G1 acompanhou a ideia de que a redação não se limita em uma sala cheia de jornalistas, e sim que ela está situada em todos lugares onde existam um cidadão disposto a denunciar, reclamar ou sugerir um assunto.

Com a implantação do jornalismo colaborativo no G1, a imediatismo da informação é seguida de forma que qualquer pessoa pode se tornar um repórter em potencial. Basta registrar um fato de relevância para a sociedade, como um protesto ou uma ação criminosa. Deste modo, ocorre uma maior integração do usuário nos processos de investigação e relato da realidade social.

Com o VC no G1, os problemas que assolam a população em geral ganharam uma nova repercussão no site, com respostas e questionamentos sendo publicados de forma instantânea e em âmbito global. Todas as matérias pautadas através do sistema de colaboração tem em seu lead a origem da reportagem com os dizeres “A notícia foi enviada através do VC no G1”. Assim, o leitor tem ciência de que sua colaboração está sendo aproveitada, o que por sua vez, estimula novos internautas a se alistarem como “correspondentes do portal de notícias” se alistarem como “correspondentes do portal de notícias”.

Para Lima (2010), este formato de jornalismo colaborativo torna-se uma ferramenta que faz o intermédio entre os anseios da população e a mídia.

A função de intermediar os anseios de interesse público junto às autoridades, antes realizada indubitavelmente pelo jornalista, é uma barreira vencida pela sociedade que pode dar dimensões globais a problemas que antes amofinavam na sua esfera local. Com isso o cidadão reforça o que propõe a 10ª Convenção Europeia dos Direitos Humanos com trabalhos que incluem o reforço da liberdade de expressão e de informação e de livre circulação de ideias e de informações. LIMA, 2010, p.28.

O que vira notícia no VC no G1 Amapá

Neste trabalho, propomo-nos a analisar como a ferramenta VC no G1 contribui para a produção jornalística do site G1 Amapá, hospedado no G1, com base em critérios de valores-notícias. Antes, consideramos importante discorrer um breve histórico do site G1 Amapá, lançado em 7 de junho de 2013. Com uma equipe de 12 jornalistas, o portal possui em média 20 mil acessos diários, segundo informações dadas pela sua coordenadora, Lorena Kubota, durante entrevista concedida aos autores no dia 21 de março de 2014.



No que se refere à rotina dos processos produtivos vivenciada pela equipe do site, cada jornalista constrói três matérias diárias e redige o texto no programa Microsoft Word para depois copiá-lo no gerenciador através de um programa chamado CMA, que formata a notícia no padrão do site e permite a publicação de maneira rápida e simples, sem necessidade de manipulação do código fonte.

O veículo cobre notícias do cotidiano, política, meio ambiente, cultura, polícia, entre outras editorias locais, a exemplo do esporte, que possui hospedagem com endereço próprio: globoesporte.com/ap. O site também possui incorporado a ele a editoria VC no G1 Amapá, que desde o lançamento do veículo até 31 de dezembro de 2013, recebeu exatas 104 colaborações de internautas.

Neste trabalho, selecionamos para análise as colaborações enviadas ao VC no G1 Amapá por internautas entre os dias 1 de novembro de 2013 e 31 de dezembro do mesmo ano. Os dados foram fornecidos pelo próprio site. Neste período, o VC no G1 Amapá contabilizou 16 colaborações enviadas ao portal. Kubota (2014) ressalta que a participação dos internautas tem potencial de virar pauta, e em caso de envio de fotos e vídeos, as mídias podem ser aproveitadas na íntegra.

No entanto, toda participação no VC no G1 Amapá é filtrada por duas editoras que administram a ferramenta. Elas têm autonomia editorial para alterar o conteúdo do texto. A função dos repórteres em relação ao VC no G1 Amapá é apurar a informação colaborativa através de uma pauta baseada na participação do internauta. O repórter checa com as fontes oficiais as informações fornecidas pelos usuários, fazendo uma matéria em cima da colaboração.

A metodologia de filtragem usada pelo G1 Amapá consiste no princípio dos conceitos do gatekeeper que, em sua etimologia inglesa, significa gate = portão; keeper = guardião. Em sua tradução literal, quer dizer, porteiro, algo que controla o fluxo dos que entram e saem, conforme Targino (2009).

Em outras palavras, o gatekeeper, no jornalismo, é o profissional responsável pela filtragem da informação. Targino (2009) frisa que a metodologia não deve ser confundida com censura. “Na realidade, o gatekeeper incorpora procedimentos amplo de informação envolvendo seleção e coleta de dados, elaboração, distribuição e promoção de notícias”. (TARGINO, 2009, p. 141).

Com base no conceito do gatekeeper, das 16 colaborações enviadas ao VC no G1 Amapá, apenas cinco foram aprovadas pelo site, correspondendo a 31% do total. Das colaborações aprovadas, quatro eram compostas apenas por textos e uma continha fotos e



textos. A maioria (75%) foi participação de pessoas do sexo masculino e a minoria (25%) do feminino. Outro fator interessante é que das colaborações aprovadas, três foram da editoria de comunidade e duas de denúncia. No entanto, apesar de haver cinco aprovações, apenas duas viraram conteúdo jornalístico no site.

Sobre as demais colaborações, que resultaram em 11 rejeições (69%), Lorena Kubota (2014), na referida entrevista concedida aos autores, informou que as mesmas são dispensadas, em geral, por não se adequarem à linha editorial do site, por serem inverídicas, por visarem à autopromoção ou até pelo fato de a colaboração já estar sendo produzida. Do total de rejeitadas, por exemplo, cinco visavam propagandas de eventos particulares, três não tinham fundamentação verídica sobre o fato, uma pautava interesses privados e uma outra já estava sendo produzida por um repórter. Os critérios usados para uma sugestão virar notícia no G1 Amapá, conforme ressalta a coordenadora do G1 Amapá, são baseados em valores-notícias que analisam a procedência, o teor e a relevância para a sociedade da informação enviada pelo colaborador.

Sobre as colaborações aprovadas, no entanto, sem aproveitamento pelo G1 Amapá, duas já estavam sendo produzidas pelos repórteres e as outras duas se dividiram em um elogio e um pedido de conserto de uma informação publicada no site em uma data anterior.

A fim de entendermos o que vira notícia no VC no G1, adotamos como base as prerrogativas dos valores-notícias de Galtun e Ruge (apud PONTE, 2005) a fim de aplicá-los na análise das colaborações enviadas por internautas ao G1 Amapá.

No campo jornalístico, o profissional desenvolve uma rotina de produtividade que ajuda a estabelecer a importância dos fatos quanto à possibilidade de tornarem-se ou não notícias. No entanto, distante dessa rotina, o cidadão tem capacidade de percepção da importância dos inúmeros fatos que o cercam? Targino (2009) diz que a noticiabilidade configura-se como resultado de negociações a fim de definir a parcela íntima de fatos que se transformarão em notícias entre mil possibilidades.

Portanto, “os valores-notícias são mais que uma listagem de atributos das notícias, combinadas ou combináveis. Operam como estrutura de retaguarda social, profunda e escondida, e requerem um conhecimento consensual sobre o mundo”. (PONTE, 2005, p.192).

Vários autores elencaram os critérios que regem a potencialidade dos acontecimentos do dia-dia. Traquina (2005), por exemplo, incorpora 22 itens que parte da aceção do substantivo, ou seja, a avaliação do evento em si, e a seleção, que, em suma, questiona o porquê da escolha dessa e não daquela notícia.



Já os pesquisadores noruegueses Galtung e Ruge, que na década de 1960 estudaram os critérios de noticiabilidade, apontam dez princípios que fazem os fatos tornarem-se notícias, são eles: o tempo do acontecimento, amplitude, clareza, significância, consonância, imprevisibilidade, continuidade, relação com elites, personalização e negatividade. (GALTUN e RUGE apud PONTE, 2005, p.194-215).

Na análise das colaborações aprovadas pelo VC no G1 Amapá durante o nosso recorte temporal, percebe-se que dois critérios de noticiabilidade definidos por Galtun e Ruge se encaixam em todas elas, o de tempo do acontecimento e o de significância.



Uma colaboração aprovada que gerou matéria foi enviada em 24 de novembro. Ela foi escolhida por causa da abrangência dos dois referidos critérios de Galtun e Ruge (apud PONTE, 2005) citados acima. O internauta Mário Siqueira, de 43 anos, enviou fotos na colaboração com o título “Falta de seringas”, relatando a falta de equipamentos médicos no Hospital de Emergências (HE) de Macapá. As três fotografias enviadas ao site foram tiradas em 23 de novembro, um dia antes da participação do internautas, em um curto período do fato, caracterizando o tempo de acontecimento, conforme conceituado por Galtun e Ruge (apud PONTE, 2005).

A mesma colaboração enviada em 24 de novembro se enquadra no critério de significância, que segundo Kubota (2014)⁶, seria um dos princípios do VC no G1. A coordenadora do site G1 Amapá frisa que a ideia do espaço não é fazer promoção pessoal, mas sim atender à coletividade, como foi o caso da referida sugestão, que tinha significância por abranger certa “quantidade de pessoas envolvidas e pelo grau de relevância do acontecimento”, conforme critérios sustentados por Galtun e Ruge (apud PONTES, 2005 p.200). A mesma sugestão ganhou notoriedade porque durante a apuração, os repórteres

⁶ Na referida entrevista concedida aos autores em Macapá, no dia 21 de março de 2014.

descobriram que a falta de equipamentos resultou na morte de uma pessoa, outro conceito de valor-notícia indicado por Galtun e Ruge (apud PONTE, 2005), o da negatividade.

Mesmo que de forma empírica, a tese de tempo de acontecimento, de significância e negatividade também foi interpretada pelo internauta Mário Siqueira, que concedeu entrevista aos autores deste artigo⁷. Ele justificou o envio da colaboração por saber que a possibilidade de concretização de uma matéria com base na sugestão dele iria abranger a várias pessoas envolvidas no processo, que no caso específico, se tratava de pacientes. Ele acrescentou que decidiu participar do VC no G1Amapá o quanto antes por se tratar de uma questão séria na saúde pública e, portanto, do salvamento de vidas.

Para Souza (2002), as notícias têm sempre a marca da ação pessoal de quem as produz. O conceito do autor foi verificado na colaboração enviada por Mário Siqueira, que em entrevista, se mostrou preocupado com a saúde pública.



Outro exemplo de sugestão aproveitada foi enviada em 14 de novembro. A internauta Larissa Cambraia, de 34 anos, colaborou com uma pauta de comunidade. Com a postagem “Cortina de poeira”, ela enviou fotos das ruas do bairro onde mora, na Zona Norte de Macapá.

Usando os mesmos critérios de valores-notícias que o G1 Amapá costuma usar, a colaboração foi aproveitada por envolver não apenas a internauta, mas a coletividade de moradores, conforme o critério de significância usado por Galtun e Ruge (apud PONTE, 2005).

A internauta em entrevista aos autores⁸ disse que foi motivada a enviar a colaboração por causa da possibilidade de a sugestão dela ser aproveitada devido a existência de um canal aberto para o envio de colaboração aos novos movimentos do jornalismo cidadão.

⁷ Entrevista concedida aos autores em Macapá, no dia 22 de março de 2014.

⁸ Entrevista concedida aos autores em Macapá, no dia 22 de março de 2014.



Conclusão

Na amostra analisada ficou constatado que o jornalismo colaborativo no site G1 Amapá ainda não alcançou o degrau mais elevado na colaboração, pois, conforme conteúdo apresentado anteriormente, o usuário contribui na construção da notícia, no entanto, ele não está no poder dela. Isto é, ele não está livre para escrever o que quiser a fim de publicar o material na íntegra no veículo por causa das condicionantes dos valores-notícias e gatekeeper, diferentemente como acontece no OhMyNews, onde se nota a liberdade do usuário para publicar suas verdades sobre qualquer tema, conforme defendem Bowman e Willis (2003).

Sendo assim, o VC no G1 Amapá pode ser classificado como um canal extra para recebimento de informações de internautas, as quais podem ou não ser aproveitadas pelos profissionais do G1 Amapá, que são responsáveis pela filtragem do material, que usam de atributos teóricos já referenciados neste artigo.

Foi verificado que o público amapaense ainda não exerce um papel fortalecido no processo de coleta e processamento de informações, como defendem Bowman e Willis (2003).

As notícias enviadas pelos internautas apresentam baixo grau de apuração, característica inerente do registro flagrante, primeiro degrau da colaboração na classificação dos autores. A tese é comprovada pelo percentual de rejeição do material enviado ao VC no G1 Amapá no período da análise, quando 69% das colaborações deixaram de ser aproveitadas por não atender aos princípios jornalísticos.

Também é possível concluir que o jornalismo colaborativo contribui pouco com a produção jornalística do site G1 Amapá. Ao ponto de ter apenas 16 colaborações em dois meses, média de uma colaboração a cada dois dias, índice considerado baixo pela própria coordenadora do G1 Amapá Lorena Kubota (2014), que ressaltou alguns desafios da ferramenta para atrair mais participações dos internautas, a exemplo de dificuldade de conexão a internet e o número de computadores disponíveis nos lares amapaenses. A tese da jornalista é comprovada pela última PNAD⁹, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O estudo aponta que dos 123 mil domicílios no estado, apenas 23% possuem computador com acesso a internet.

Em dois meses analisado por este artigo, foi constatado que das cinco colaborações aprovadas no VC no G1, apenas duas criaram matérias produzidas pelo site G1 Amapá.

⁹PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em http://www.ibge.gov.br/estadosat/download/ap_pnad_2012.csv. Acesso em 18 de março de 2014.



Podemos dizer que elas foram aproveitadas por atenderem princípios valores-notícias, como o tempo do acontecimento, significância e negatividade, conceitos mais adotados pelo site para filtrar uma colaboração enviada por um internauta.

Portanto, o jornalismo colaborativo ainda está começando a caminhar no Amapá com a abertura do primeiro canal de participação do internauta com um veículo de comunicação na internet. Mas deve-se ressaltar que pelo fato estar no começo, o jornalismo colaborativo tem muita trajetória pela frente com a tendência de maior participação da população.

Referências

BOWMAN, Shayne & WILLIS, Chris. **We Media**: How Audiences are Shaping the Future of News and Information. The Media Center at the American Press Institute, 2003. Disponível em: http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media.pdf Acesso em: 22 de março de 2014.

BRAMBILLA, Ana Maria. **Jornalismo open source**: discussão e experimentação do OhmyNewsInternational. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

LIMA, Higo da Silva. **A Legitimidade do jornalismo colaborativo do G1 a partir dos valores-notícia**: a tênue fronteira entre jornalistas e cidadãos. Monografia (Comunicação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mossoró, 2010.

MADUREIRA, Francisco B. **Cidadão-fonte ou cidadão repórter?** O engajamento do público do no jornalismo colaborativo dos grandes portais de brasileiros. São Paulo, 2010. 145 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2010.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. Tese. Doutorado em Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea – Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, 2003.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias**: linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo Online, Informação e Memória**: Apontamentos para debate. 2002. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm>. Acesso em: 22 de março de 2014.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006.

ROCHA, José Antônio Meira da. **Entendendo o jornalismo online**. 2000. Disponível em: <<http://meiradarocha.jor.br/news/2000/12/31/entendendo-o-jornalismo-on-line>>. Acesso em: 22 de março de 2014.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel digital**: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo. Tese. Doutorado em Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas – Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, 2013.



TARGINO, Maria das Graças. **Jornalismo cidadão: informa ou deforma?** Brasília: Lbbict-Unesco, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** - Por que as notícias são como são? Vol. 1, 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: Insular. 2 ed. 2008.